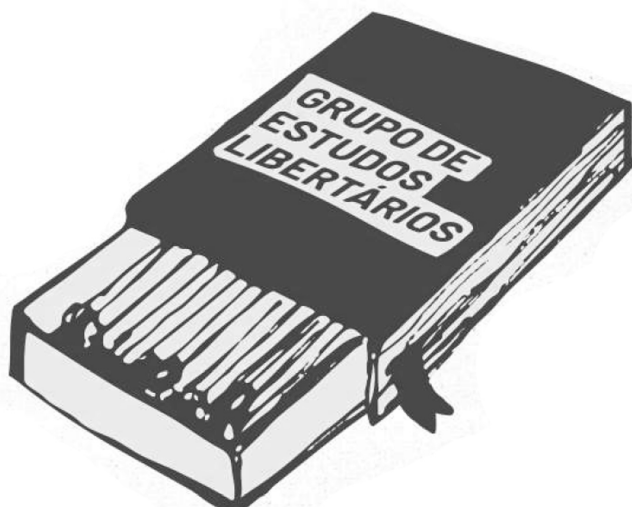


# A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

**Capítulo V**  
Tempo e história



**Guy  
Debord**

Debord se definia como “doutor em nada” e um estrategista. Durante a década de 1950 juntou-se a Internacional Letrista, movimento que se colocava como herdeiros diretos do dadaísmo e do surrealismo. Em julho de 1957, com artistas e escritores de diferentes países, fundou na Itália a Internacional Situacionista, cuja revista, editada por mais de dez anos, inaugurou o discurso libertário, revolucionário e radicalmente anti-capitalista que ganharia o mundo a partir dos acontecimentos de Maio de 1968. Um ano antes da eclosão do movimento, Debord publicou “A sociedade do espetáculo”, considerado um marco com forte influência no maio francês, impactando também diversos outros movimentos e lutas. Como disse Agamben: “sem dúvida o aspecto mais inquietante dos livros de Debord refere-se à obstinação com a qual a história parece aplicar-se em confirmar suas análises”.

Segundo o próprio autor em um dos seus prefácios a Sociedade do Espetáculo: ‘Você deve ler este livro levando em consideração que foi escrito com o intuito deliberado de perturbar a sociedade espetacular’. Devemos fazer as ideias voltarem a ser perigosas!

***O Grupo de Estudos Libertários*** é promovido pelo coletivo (auto)gestor da Kasa Invisível desde fevereiro de 2018.

Buscamos estudar, debater e repensar textos da tradição autonomista, anarquista e marxista não-ortodoxos tendo em vista o enorme deficit desse tipo de literatura e debate em nossos meios.

Os encontros são sempre abertos à comunidade.

**[kasainvisivel.org](http://kasainvisivel.org)**

# A Sociedade do Espetáculo

## Capítulo V

### Tempo e história

Ó fidalgos, a vida é breve...  
Se vivemos, vivemos para andar sobre a cabeça dos reis.

Shakespeare (Henrique IV)

#### 125

O homem, “o ser negativo que é apenas na medida em que suprime o Ser”, é idêntico ao tempo. A apropriação pelo homem de sua própria natureza é também sua apropriação do desenrolar do universo. “A própria história é uma parte real da história natural, da transformação da natureza em homem” (Marx). Inversamente, essa “história natural” só tem existência efetiva através do processo de uma história humana, da única parte que encontra esse todo histórico, como o telescópio moderno cujo alcance recupera *no tempo* a fuga das galáxias para a periferia do universo. A história sempre existiu, mas nem sempre sob forma histórica. A temporalização do homem, tal como se efetua pela mediação de uma sociedade, é igual a uma humanização do tempo. O movimento inconsciente do tempo se manifesta e *se torna verdadeiro* na consciência histórica.

#### 126

O movimento propriamente histórico, embora *ainda oculto*, começa na lenta e insensível formação da “natureza real do homem”, esta “natureza que nasce na história humana, no ato gerador da sociedade humana”. Mas a sociedade que então dominou uma técnica e uma

linguagem, se já é o produto de sua própria história, tem consciência apenas de um presente perpétuo. Todo conhecimento, limitado à memória dos mais antigos, aí é conduzido pelos que estão *vivos*. Nem a morte nem a procriação são entendidas como lei do tempo. O tempo permanece imóvel, como um espaço fechado. Quando uma sociedade mais complexa chega a tomar consciência do tempo, seu trabalho é mais de negá-lo, pois ela vê no tempo não o que passa, mas o que volta. A sociedade estática organiza o tempo segundo sua experiência imediata da natureza, no modelo do tempo *cíclico*.

## 127

O tempo cíclico é dominante na experiência dos povos nômades, porque as mesmas condições se apresentam a eles a cada momento de sua passagem: Hegel nota que “a errância dos nômades é apenas formal, porque está limitada a espaços uniformes”. A sociedade que, ao se fixar localmente, dá ao espaço um conteúdo pela estruturação de lugares individualizados encontra-se por isso mesmo confinada no interior dessa localização. O retorno temporal a lugares semelhantes passa a ser o puro retorno do tempo em um mesmo lugar, a repetição de uma série de gestos. A passagem do nomadismo pastoral à agricultura sedentária é o fim da liberdade preguiçosa e sem conteúdo, o início do labor. O modo de produção agrária em geral, dominado pelo ritmo das estações, é a base do tempo cíclico plenamente constituído. A eternidade lhe é *interior*: e aqui na terra o retorno do mesmo. O mito é a construção unitária do pensamento que garante toda a ordem cósmica em torno da ordem que essa sociedade já realizou de fato dentro de suas fronteiras.

## 128

A apropriação social do tempo e a produção do homem pelo trabalho humano se desenvolvem em uma sociedade dividida em classes. O poder que se constituiu acima da penúria da sociedade do tempo cíclico, a classe que organiza esse trabalho social e se apropria da limitada mais-valia desse trabalho, apropria-se também *da mais-valia*

*temporal* de sua organização do tempo social: ela possui só para si o tempo irreversível do ser vivo. A única riqueza que pode existir concentrada no círculo do poder, para ser materialmente gasta em festa suntuosa, encontra-se aí também gasta como dilapidação de um *tempo histórico da superfície da sociedade*. Os proprietários da mais-valia histórica detêm o conhecimento e o gozo dos acontecimentos vividos. Esse tempo, separado da organização coletiva do tempo que predomina com a produção repetitiva da base da vida social, transcorre acima de sua própria comunidade estática. E o tempo da aventura e da guerra, no qual os senhores da sociedade cíclica realizam sua história pessoal; e é também o tempo que aparece no choque das comunidades estrangeiras, no desarranjo da ordem imutável da sociedade. A história se apresenta aos homens como um fator estranho, como aquilo que eles não quiseram e aquilo contra o que eles pensavam estar protegidos. Mas por esse desvio volta também a *inquietação* negativa do homem, que estivera na própria origem de todo o desenvolvimento que adormecera.

## 129

O tempo cíclico é, em si, o tempo sem conflito. Mas nessa infanda do tempo o conflito está instalado: a história luta primeiro para ser história na atividade prática dos senhores. Essa história cria superficialmente o irreversível: seu movimento constitui o próprio tempo que ele esgota, no interior do tempo inesgotável da sociedade cíclica.

## 130

As “sociedades frias” são as que desaceleraram ao máximo sua parte de história; que mantiveram em equilíbrio constante sua oposição ao ambiente natural e humano, e suas oposições internas. A extrema diversidade das instituições estabelecidas com essa finalidade comprova a plasticidade da autocriação da natureza humana, mas essa comprovação só aparece para o observador de fora, como o etnólogo *que voltou* do tempo histórico. Em cada uma dessas sociedades, uma estruturação definitiva excluiu a mudança. O conformismo absoluto

das práticas sociais existentes, com as quais todas as possibilidades humanas estão identificadas para sempre, só tem como limite externo o medo de recair na animalidade sem forma. Aqui, para permanecerem humanos, os homens têm de continuar os mesmos.

### 131

O nascimento do poder político, que parece estar relacionado com as últimas grandes revoluções da técnica, como a fundição do ferro, no limiar de um período que não sofrerá profundas reviravoltas até o aparecimento da indústria, é também o momento que começa a dissolver os vínculos da consanguinidade. A partir de então, a sucessão de gerações escapa da esfera do puro movimento cíclico natural para tornar-se acontecimento orientado, sucessão de poderes. O tempo irreversível é o tempo daquele que reina; as dinastias são a primeira forma de medi-lo. A escrita é sua arma. Na escrita, a linguagem atinge sua plena realidade independente de mediação entre as consciências. Mas essa independência é idêntica à independência geral do poder separado, como mediação que constitui a sociedade. Com a escrita aparece uma consciência que já não é sustentada e transmitida na relação imediata dos vivos: uma *memória impessoal*, que é a da administração da sociedade. “Os escritos são os pensamentos do Estado; os arquivos, sua memória” (Novalis).

### 132

A crônica é a expressão do tempo irreversível do poder e também o instrumento que mantém a progressão voluntarista desse tempo a partir de seu traçado anterior, pois essa orientação do tempo deve desaparecer com a força de cada poder particular, recaindo no olvido indiferente do tempo apenas cíclico conhecido pelas massas camponesas que, na queda dos impérios e de suas cronologias, nunca mudam. Os *possuidores da história* colocaram no tempo um *sentido*: uma direção que é também um significado. Mas essa história se desenrola e sucumbe à parte; deixa imutável a sociedade profunda, porque ela é justamente o que fica separado da realidade comum. Eis por que a

história dos impérios do Oriente se resume para nós na história das religiões: essas cronologias desfeitas em ruínas só deixaram a história, aparentemente autônoma, das ilusões que as envolviam. Os senhores que, sob a proteção do mito, detêm a *propriedade privada da história*, detêm-na primeiro no modo da ilusão: na China e no Egito, tiveram por muito tempo o monopólio da imortalidade da alma; suas primeiras dinastias reconhecidas são o arranjo imaginário do passado. Mas essa posse ilusória dos senhores é também toda a posse possível, nesse momento, de uma história comum e de sua própria história. A ampliação de seu poder histórico efetivo caminha junto com uma divulgação da posse mítica ilusória. Tudo isso decorre de um fato simples: na mesma medida em que os senhores se encarregaram de assegurar miticamente a permanência do tempo cíclico, como nos ritos sazonais dos imperadores chineses, eles próprios conseguiram uma relativa libertação.

### 133

Para que a seca cronológica sem explicação do poder divinizado que se dirige a seus servidores, e que quer ser compreendida como execução terrestre dos mandamentos do mito, pudesse ser superada e tornar-se história consciente, foi necessário que a participação real na história tenha sido *vivida* por grupos maiores. Dessa comunicação prática entre os que *se reconheceram* como os possuidores de um presente singular, os que experimentaram a riqueza qualitativa dos acontecimentos como sua atividade e o lugar onde estavam — sua época —, nasce a linguagem geral da comunicação histórica. Aqueles para quem o tempo irreversível existiu descobrem aí, simultaneamente, o *memorável* e a *ameaça do esquecimento*: “Heródoto de Halicarnasso aqui apresenta os resultados de sua pesquisa, a fim de que o tempo não apague os trabalhos dos homens...”

### 134

Refletir sobre a história é, inseparavelmente, *refletir sobre o poder*. A Grécia é o momento em que se discutem e se compreendem o po-

der e sua mudança, a democracia dos senhores da sociedade. Lá era o inverso das condições conhecidas pelo Estado despótico, no qual o poder, na inacessível obscuridade de seu ponto mais concentrado, só acerta contas consigo mesmo pela *revolução palaciana*, que é mantida fora de qualquer discussão, seja quando tem êxito, seja quando fracassa. Entretanto, o poder partilhado das comunidades gregas só existia no *dispêndio* de uma vida social cuja produção ficava separada e estática na classe servil. Só vive quem não trabalha. A divisão das comunidades gregas, bem como a luta pela exploração das cidades estrangeiras, exteriorizavam o princípio da separação que fundamentava interiormente cada uma delas. A Grécia, que sonhara a história universal, não conseguiu se unir para enfrentar a invasão; nem mesmo unificou os calendários de suas cidades independentes. Na Grécia, o tempo histórico tornou-se consciente, mas ainda não consciente de si próprio.

### 135

Após o desaparecimento das condições localmente favoráveis que as comunidades gregas haviam conhecido, a regressão do pensamento histórico ocidental não foi acompanhada de uma reconstituição das antigas organizações míticas. No confronto entre os povos do Mediterrâneo, na formação e queda do Estado romano, apareceram *religiões semi-históricas* que se tornavam fatores fundamentais da nova consciência do tempo e da nova armadura do poder separado.

### 136

As religiões monoteístas foram um compromisso entre o mito e a história, entre o tempo cíclico que ainda dominava a produção e o tempo irreversível em que se enfrentam e se recompõem os povos. As religiões procedentes do judaísmo são o reconhecimento universal abstrato de um tempo irreversível democratizado, aberto a todos, mas no ilusório. O tempo é todo orientado para um único acontecimento final: “O reino de Deus está próximo.” Essas religiões nasceram no solo da história e nele se estabeleceram. Mesmo assim, elas se mantêm em



oposição radical à história. A religião semi-histórica estabelece um ponto de partida qualitativo no tempo, o nascimento de Cristo, a fuga de Maomé, mas seu tempo irreversível — que introduz uma acumulação efetiva, a qual no Islã pode assumir a feição de uma conquista. ou no cristianismo da Reforma a feição de um aumento de capital — é de fato invertido no pensamento religioso como uma *contagem regressiva*: a espera, no tempo que encurta, do acesso ao outro mundo de verdade, a espera do Juízo final. A eternidade saiu do tempo cíclico. É seu além. É o elemento que rebaixa a irreversibilidade do tempo, que suprime a história na própria história, ao se colocar *do outro lado do tempo irreversível*, como puro elemento pontual em que o tempo cíclico entrou e se aboliu. Bossuet dirá: “E, por meio do tempo que passa, entramos na eternidade que não passa.”

### 137

A Idade Média, esse mundo mítico inacabado cuja perfeição estava fora dele, é o momento em que o tempo cíclico, que ainda regula a parte principal da produção, é de fato corroído pela história. Uma certa temporalidade irreversível é concedida individualmente a todos, na sucessão das idades da vida, na vida considerada como uma *viagem*, passagem sem retorno por um mundo cujo sentido está alhures: o *peregrino* é o homem que sai desse tempo cíclico para ver efetivamente o viajante que cada um de nós prenuncia. A vida histórica pessoal encontra sempre sua realização na esfera do poder, na participação nas lutas empreendidas pelo poder e nas lutas pela disputa do poder: mas, sob a unificação geral do tempo orientado da era cristã, o tempo irreversível do poder é infinitamente partilhado num mundo da *confiança armada*, em que o jogo dos senhores gira em torno da fidelidade e da contestação da fidelidade devida. Essa sociedade feudal nasceu do encontro da “estrutura organizacional do exército conquistador tal como se desenvolveu durante a conquista” com as “forças produtivas encontradas no país conquistado” (*A ideologia alemã*), e é preciso incluir na organização dessas forças produtivas sua linguagem religiosa. Tal sociedade dividiu a dominação entre a Igreja e o poder estatal, por sua vez subdividido nas complexas relações entre suseranos e seus vassa-

los dos feudos e das comunas urbanas. Nessa diversidade da vida histórica possível, o tempo irreversível que conduzia inconscientemente a sociedade profunda, o tempo vivido pela burguesia na produção de mercadorias, na fundação e expansão das cidades, na descoberta comercial da Terra — a experimentação que destrói para sempre toda organização mítica do cosmos —, esse tempo revelou-se lentamente como o trabalho incógnito da época, quando a grande empreitada histórica oficial desse mundo fracassou com as Cruzadas.

### 138

No declínio da Idade Média, o tempo irreversível que invade a sociedade é sentido, pela consciência ligada à antiga ordem, sob a forma de uma obsessão da morte. É a melancolia da dissolução de um mundo, o último mundo em que a segurança do mito ainda equilibrava a história; para essa melancolia, toda coisa terrestre caminha para corromper-se. As grandes revoltas dos camponeses da Europa são também sua tentativa de *responder à história* que os arrancava violentamente do sono patriarcal, garantido pela tutela feudal. É a utopia milenarista da *realização terrestre do paraíso*, em que volta ao primeiro plano o que dava origem à religião semi-histórica, quando as comunidades cristãs — assim como o messianismo judaico do qual provinham, como resposta aos distúrbios e à infelicidade da época — aguardavam a realização iminente do reino de Deus e acrescentavam um fator de inquietude e subversão à sociedade antiga. O cristianismo, que tinha conseguido partilhar o poder no império, desmentira em determinado momento, considerando como simples superposição, o que subsistia dessa esperança: tal é o sentido da afirmação agostiniana, arquétipo de todos os *satisfecit*<sup>1</sup> da ideologia moderna, segundo a qual a Igreja instalada já era há muito esse reino de que se falara. A revolta social do campesinato milenarista se define naturalmente, em primeiro lugar, como uma vontade de destruição da Igreja. Mas o milenarismo se desenrola no mundo histórico, e não no terreno do mito. Ao contrário do que Norman Cohn tenta mostrar em *La Pour-*

---

1 Atestado de aprovação que um mestre dá ao aluno. Literalmente, em latim, “ele satisfez”. (N. da T.)

*suite du millénium*, as esperanças revolucionárias modernas não são o prosseguimento irracional da paixão religiosa do milenarismo. Muito ao contrário, o milenarismo, luta de classe revolucionária falando pela última vez a língua da religião, já é uma tendência revolucionária moderna, à qual ainda falta *a consciência de ser apenas histórica*. Os milenaristas deviam perder porque não podiam reconhecer a revolução como operação deles. O fato de eles esperarem por um sinal exterior da decisão de Deus para agir equivale, no âmbito do pensamento, à prática dos camponeses revoltados que seguiam chefes escolhidos fora deles. A classe camponesa não podia atingir uma consciência justa do funcionamento da sociedade, nem do modo de conduzir a própria luta: por lhe faltarem essas condições de unidade de ação e de consciência, ela formulou um projeto e empreendeu guerras de acordo com a imagem do paraíso terrestre.

### 139

A nova posse da vida histórica, o Renascimento, que encontra na Antiguidade seu passado e seu direito, traz em si a ruptura feliz com a eternidade. Seu tempo irreversível é o da acumulação infinita dos conhecimentos, e a consciência histórica decorrente da experiência das comunidades democráticas e das forças que as destroem vai retomar, com Maquiavel, o raciocínio sobre o poder dessacralizado, dizer o indizível do Estado. Na vida exuberante das cidades italianas, na arte das festas, a vida se conhece como gozo da passagem do tempo. Mas esse gozo da passagem tinha de ser passageiro. A canção de Lorenzo de Médicis, que Burckhardt considera como a expressão “do próprio espírito do Renascimento”, é o panegírico que esta frágil festa da história formulou a respeito de si mesma: “Como é bela a juventude — que passa tão depressa.”

### 140

O movimento permanente de monopolização da vida histórica pelo Estado da monarquia absoluta, forma de transição para a dominação total da classe burguesa, faz aparecer em sua verdade o que é o

novo tempo irreversível da burguesia. A burguesia está ligada ao *tempo do trabalho*, pela primeira vez liberado do tempo cíclico. O trabalho se tornou, com a burguesia, *trabalho que transforma as condições históricas*. A burguesia é a primeira classe dominante para quem o trabalho é um valor. E a burguesia que suprime todo privilégio, que só reconhece valor decorrente da exploração do trabalho, identificou justamente com o trabalho seu próprio valor como classe dominante. Fez do progresso do trabalho o seu próprio progresso. A classe que acumula as mercadorias e o capital modifica continuamente a natureza ao modificar o próprio trabalho, ao promover sua produtividade. Toda vida social já se concentrou na pobreza ornamental da Corte, adorno da fria administração estatal que culmina no “ofício de rei”; e toda liberdade histórica particular teve de aceitar a própria perda. A liberdade do jogo temporal irreversível do mundo feudal esgotou-se em suas últimas batalhas perdidas nas guerras da Fronda ou na rebelião dos escoceses em favor de Carlos Eduardo<sup>2</sup>. O mundo mudou de base.

## 141

A vitória da burguesia é a vitória do tempo *profundamente histórico*, porque é o tempo da produção econômica que transforma a sociedade, de modo permanente e absoluto. Enquanto a produção agrária permaneceu como trabalho principal, o tempo cíclico que estava presente no fundo da sociedade alimentou as forças coligadas da *tradição*, que vão frear o movimento. Mas o tempo irreversível da economia burguesa extirpa esses resquícios em toda a extensão do mundo. A história que até então aparecerá como o movimento apenas dos indivíduos da classe dominante, escrita portanto como história factual, é agora compreendida como o *movimento geral*, e nesse movimento severo os indivíduos são sacrificados. A história que descobre sua base

---

2 A Fronda foi uma sublevação contra novos encargos fiscais determinados pelo governo francês. Ela se estendeu de Paris às províncias de 1648 e 1652, mas fracassou. A aliança dos escoceses com o rei inglês Carlos I ocorreu na década de 1640, no contexto da guerra civil que terminou com a vitória das forças de Oliver Cromwell, processo que teve profundas consequências políticas: Carlos I foi executado em 30 de janeiro de 1649, a Câmara dos Lordes foi abolida e a Inglaterra transformou-se em Commonwealth ou república. (N. da T.)

na economia política percebe agora a existência do que era seu inconsciente, mas que continua a ser o inconsciente que ela não pode trazer à luz. A economia mercantil democratizou apenas essa pré-história cega, uma nova fatalidade que ninguém domina.

## 142

A história que está presente em toda a profundidade da sociedade tende a perder-se na superfície. O triunfo do tempo irreversível é também sua metamorfose em *tempo das coisas*, porque a arma de sua vitória foi precisamente a produção em série dos objetos, segundo as leis da mercadoria. O principal produto que o desenvolvimento econômico fez passar da raridade luxuosa para o consumo corrente é portanto a *história*, mas apenas como história do movimento abstrato das coisas, que domina todo uso qualitativo da vida. O tempo cíclico anterior havia sustentado uma parte crescente de tempo histórico vivido por indivíduos e grupos; agora, a dominação do tempo irreversível da produção vai tender a eliminar socialmente esse tempo vivido.

## 143

Assim, a burguesia mostrou e impôs à sociedade um tempo histórico irreversível, mas lhe recusa o *uso* desse tempo. “Houve história, mas já não há”, porque a classe dos possuidores da economia, que não pode romper com a *história econômica*, deve rechaçar como ameaça imediata qualquer outro emprego irreversível do tempo. A classe dominante, feita de *especialistas da posse das coisas* — que, por isso, são eles mesmos possuídos pelas coisas —, deve ligar seu destino à manutenção dessa história reificada, à permanência de uma nova imobilidade *na história*. Pela primeira vez o trabalhador, na base da sociedade, não é materialmente *estranho à história*, porque agora é por sua base que a sociedade se move irreversivelmente. Na reivindicação de *viver* o tempo histórico, o proletariado encontra o centro inesquecível de seu projeto revolucionário: e cada uma das tentativas, até aqui destruídas, de executar esse projeto marca um ponto de partida possível da nova vida histórica.

O tempo irreversível da burguesia senhora do poder apresentou-se primeiro sob seu próprio nome, como uma origem absoluta, o ano I da República. Mas a ideologia revolucionária da liberdade geral que tinha derrubado os últimos restos de organização mítica dos valores, e toda regulamentação tradicional da sociedade, já deixava entrever a vontade real que ela havia vestido à romana: a *liberdade de comércio* generalizada. A sociedade da mercadoria, ao descobrir que devia reconstruir a passividade que ela mesma precisara abalar profundamente a fim de estabelecer seu próprio reinado puro. “encontra no cristianismo com seu culto do homem abstrato... o complemento religioso mais conveniente” (*O capital*). Então, a burguesia fez com essa religião um acordo que se expressa também na apresentação do tempo: abandona seu próprio calendário, e seu tempo irreversível volta a moldar-se na era cristã, cuja sucessão ele prossegue.

Com o desenvolvimento do capitalismo, o tempo irreversível *unificou-se mundialmente*. A história universal torna-se uma realidade, porque o mundo inteiro está reunido sob o desenvolvimento desse tempo. Mas essa história, que em todo lugar é a mesma, ainda é apenas a recusa intra-histórica da história. O tempo da produção econômica, recortado em fragmentos abstratos iguais, se manifesta por todo o planeta como *o mesmo dia*. O tempo irreversível unificado é o do *mercado mundial* e, corolariamente, do espetáculo mundial.

O tempo irreversível da produção é antes de tudo a medida das mercadorias. Assim, o tempo que se afirma oficialmente em toda a extensão do mundo como *o tempo geral da sociedade* significa apenas os interesses especializados que o constituem: *é um mero tempo particular*.

# ABANDONE AS MÍDIAS \$OCIAIS



[kolektiva.social/@kasainvisivel](https://kolektiva.social/@kasainvisivel)

[we.riseup.net/kasainvisivel](https://we.riseup.net/kasainvisivel)

o que acontece aqui?



# KASA INVISÍVEL RESISTE

Ainda não conheceu a casa?  
É só aparecer!

Quer propor alguma atividade?  
Mande sua proposta para  
[kasainvisivel@riseup.net](mailto:kasainvisivel@riseup.net)

Mais informações:  
[kasainvisivel.org](http://kasainvisivel.org)